

Cine lfes - abril de 2021

Vale a pena assistir aos filmes indicados aos Oscars 2021?

Por Camila Serafim Daminelli¹

A temporada de premiações relativas à indústria do cinema hollywoodiano é encerrada, anualmente, com o Oscar, que ocorre entre os meses de fevereiro e março, em Los Angeles, Estados Unidos. A pandemia da Covid-19 adiou a realização da cerimônia de 2021, que ocorrerá no dia 25 de abril próximo. Aqui no Brasil é comum que as estreias dos filmes estrangeiros nos cinemas se dê depois das principais premiações e, este ano em especial, a maior parte dos indicados ao Oscar ou estreou recentemente, ou foi lançado diretamente pelas plataformas de *streaming* – Amazon, Disney+ e Netflix. Além das já conhecidas críticas ao desfile de luxo que caracteriza o Oscar, esta é uma premiação desacreditada por uma parte dos amantes do cinema, que a entende como uma celebração infértil, que premia clichês narrativos e outros lugares comuns, em detrimento de filmes mais variados geograficamente e artisticamente mais interessantes. Estes, quando não totalmente relegados, disputam entre si um pequeno espaço na celebração, na categoria de Melhor Filme Internacional. A exceção mais recente a isto foi a premiação de *Parasita*, em 2020. O longa sul-coreano que, levando a estatueta de Melhor Filme Internacional, venceu também como Melhor Filme, a categoria mais importante da cerimônia, raramente conquistada por uma produção não-estadunidense. Assim, cabe perguntar se vale a pena assistir aos filmes que concorrem aos Oscar, sendo que, na premiação, o cinema como obra de arte é apenas um dos elementos, e sendo a lista de indicados tão limitada em termos de origem das produções.

Sobre a cerimônia

Qualquer um/a que assista regularmente a cerimônia percebeu que, de uns anos para cá, o espaço vem se politizando. As tensões políticas

¹ Doutora em História e cinéfila amadora. Professora do IFES/Camus Aracruz e membro do Núcleo de Arte e Cultura.



entre diferentes visões de mundo, acirradas com o avanço de posições extremistas – supremacistas raciais, movimentos xenófobos, dentre outros – promoveram o engajamento da classe artística global, que tem se manifestado no momento das premiações. Ao receber o Oscar de Melhor Ator por seu papel em *Coringa*, em 2020, Joaquin Phoenix afirmou que, em que pese o prazer de viver tantas experiências distintas no cinema, o ator considera que sua maior contribuição consiste em emprestar a sua voz àqueles/as que não podem falar por si. Phoenix se referia em específico à questão dos direitos dos animais. Frances MacDormand, ao receber o Oscar de Melhor Atriz em 2018 por *Três anúncios para um crime*, pediu que todas as mulheres presentes se levantassem e que os patrocinadores oferecessem mais oportunidades às obras dirigidas, escritas e produzidas por mulheres. Na edição de 2020 dos Oscars Natalie Portman foi à cerimônia com um vestido delicadamente bordado com nomes de mulheres diretoras que não foram indicadas na categoria, naquele ano. Para finalizar esta lista não exaustiva, lembramos o diretor Spike Lee, em 2019, que conclamou os estadunidenses a fazer a “escolha moral entre o amor e o ódio”, numa manifesta alusão contra à candidatura do então presidente Donald Trump à reeleição no ano seguinte. Neste sentido, pode ser interessante acompanhar a cerimônia e perceber como o estrelado busca contribuir para a formação de opinião e para o engajamento social em diferentes bandeiras e causas.

Sobre os filmes indicados

Ao ler as resenhas críticas dos filmes indicados, parece consensual que a concorrência “mudou de tom” neste ano. Apesar da qualidade inquestionável de algumas obras, o páreo de 2020 parecia mais competitivo. Para quem não se lembra, na categoria Melhor Filme, a mais importante da cerimônia,² concorriam *Parasita*, *1917*, *Coringa*, *História de um Casamento*, *Jojo Robit*, *Era uma vez em...*

² São elas: Melhor filme, Melhor diretor/a, Melhor atriz/ator, Melhor atriz/ator coadjuvante, Melhor roteiro original, Melhor roteiro adaptado.

Hollywood, Ford Vs Ferrari, Adoráveis Mulheres e O Irlandês. Pelo menos entre os cinco primeiros aqui citados, consistia verdadeiro drama escolher o mais qualificado: ótimas tramas, que abordavam transformadores sentimentos humanos – como a amizade e a empatia - produções finas nos detalhes históricos, trilhas sonoras e cenas marcantes. Nesta última, é memorável o plano-sequência³ final de 1917 que, se não é de todo uma inovação, de qualquer forma é emocionante ver e fácil embarcar na corrida do soldado Schofield no meio de um campo de batalha do Norte da França, durante a Primeira Guerra Mundial. Neste ano, na mesma categoria, estão: *Judas e o Messias Negro, Meu Pai, Doce Vingança, Mank, Os 7 de Chicago, O Som do Silêncio, Minari* e *Nomadland*. Estes dois últimos são os favoritos. *Mank* seria, talvez, o favorito entre os favoritos, por ser um filme sobre um clássico da indústria cinematográfica hollywoodiana – Cidadão Kane. O filme, no entanto, não é para leigos/as: apesar da inquestionável qualidade técnica, da beleza da produção em *black & white* e da grande atuação de Gary Oldman, trata-se de um filme biográfico não auto evidente, pelo contrário: é cheio de referências que muitas vezes não conseguimos acompanhar. *Os 7 de Chicago*, por sua vez, conta a história de um protesto ocorrido na cidade em 1968, durante a Convenção Nacional do Partido Democrata. Estilo “produção de Hollywood”, bem explicadinho e narrado, também está bem cotado. *Minari*, por sua vez, indicado em seis categorias, consiste em uma narrativa semi biográfica inspirada na vida do diretor Lee Isaac Chung. No filme, o sonho americano é perseguido pela família do menino David, de ascendência coreana, que se desloca do Oeste dos Estados Unidos para o Arkansas para se tornarem fazendeiros. Na nova realidade, aflora o sentimento do entrelugar, o que nos leva a refletir sobre origens, pertencimento, diversidade e preconceito. Em suma, um lindo filme, injustiçado por sua não nomeação em outras cerimônias em razão de não ser falado integralmente em inglês, ainda que seja uma produção inquestionavelmente sobre os Estados Unidos e os estadunidenses. Ainda em tempo: *Bela Vingança* e *Nomadland* não couberam nesta resenha, porque estes filmes estrearam há pouco nos cinemas e não passaram pelos *streamings*.

³ Um tipo de plano que registra a ação de uma sequência inteira, sem cortes, ou é editada de maneira a fazer crer na continuidade da sequência.

Os favoritos (não para os Oscars?)

Sobre aqueles filmes que tocaram fundo no coração, estes podem ser divididos em duas frentes: as produções de denúncia ou crítica das sociedades racializadas – o que inclui o já mencionado *Minari*, e os filmes intimistas. Nestes últimos destacam-se *Pieces of a Woman* – não indicado à Melhor Filme - que narra um fragmento de vida de uma parturiente britânica, cuja bebê perde a vida devido a um parto domiciliar malsucedido; o surpreendente *O Som do Silêncio*, que narra uma viagem de autoconhecimento e transformação vivida por um jovem casal, quando ele, um adicto em recuperação, descobre que está perdendo a audição; e *Meu Pai*, um filme *#sempalavras* que adentra o labirinto mental de um pai, Anthony Hopkins, no avanço de uma enfermidade senil. Olívia Colman, que interpreta sua filha, Anne, está indicada a Melhor Atriz Coadjuvante. A atuação de Hopkins disputa com a de Gary Oldman no favoritismo ao Oscar de Melhor Ator. A temática do preconceito e da discriminação racial nos Estados Unidos, uma questão histórica bastante viva no tempo presente, vem sendo retratada em diferentes obras, há pelo menos duas décadas – vide os clássicos *Conduzindo Miss Daisy* (1989) e *Malcolm X* (1992). Nos últimos cinco anos, no entanto, é perceptível o avanço da pauta racial na sétima arte: *What happened, Miss Simone?* (2016), *Moonlight* (2017), *Um limite entre nós* (2017), *Corra!* (2018), *Green Book* (2019), *Infiltrado na Klan* (2019), *Se a Rua Bale Falasse* (2019), *Pantera Negra* (2019), etc. O aumento na produção referente ao tema atesta que as bandeiras que expressam questões socialmente vivas, como a segregação étnico-racial, a diversidade sexual, as violências de gênero, dentre outras, vieram para ficar – pelo menos até que não seja mais necessário falar delas. Outra prova disso é que, em 2020, a hashtag *#OscarsSoWhite*, que viralizou durante a edição de 2015, voltou à cena, já que muitos críticos de cinema apontaram este como o Oscar mais masculino e branco dos últimos anos. Depois do passo atrás, dois adiante: neste ano, a cerimônia dos Oscars pode fazer história como a mais negra de todos os tempos. Spike Lee, cineasta famoso pela abordagem das questões étnico-raciais nos Estados Unidos, apresenta neste ano *Destacamento Blood*, narrando a história de um grupo de soldados negros durante a Guerra do Vietnã, que retorna ao campo de batalha décadas depois para recuperar uma carga “saqueada”. O saudoso Chadwick Boseman (indicado este ano na

categoria de Melhor Ator por *A Voz Suprema do Blues*) aparece como o herói do filme – porque foi o único entre os cinco que perdeu a vida no Vietnã, aí residindo também uma crítica à galeria dos heróis de guerra do país. Trata-se de um filme sobretudo acerca da sociedade estadunidense ainda atual – onde o imperialismo e o racismo estão envoltos em um poder econômico gigantesco, ali metaforizado pelo motivo do retorno dos ex-combatentes: um baú repleto de barras de ouro. As imagens de arquivo e os flashes que inserem personalidades reais nos induzem a crer que há mais realidade e menos ficção naquela narrativa. Já *Judas e o Messias Negro*, embora se passe no mesmo contexto de *Destacamento Blood* e *Uma Noite em Miami*, deles se diferencia por abordar uma história baseada em fatos e personagens reais. A metáfora de Judas e do Messias é feliz, sintetiza figurativamente a relação entre o carismático e potente presidente do Partido dos Panteras Negras, Fred Hampton, e o seu “Judas”; um homem negro que se infiltra no movimento, por coação do FBI, para informar o Tio Sam sobre as atividades do grupo, e termina por assassinar Hampton e contribuir para a chacina de dezenas de membros do partido em 1969. Este é um filme de potência histórica, social e cinematográfica – com o protagonista, o ator Daniel Kaluuya, numa atuação destacada -, que dá uma contribuição ímpar para desmitificar a atuação dos Panteras Negras, cuja imagem ao longo da sua existência foi sistematicamente distorcida pelo governo americano, oscilando entre as milícias e o terrorismo interno. Ficaram de fora da indicação principal deste ano de 2021, a de Melhor Filme, produções bastante comentadas, indicadas apenas noutras categorias, como *A Voz Suprema do Blues*, com Viola Davis fantástica no papel de Ma Rainey, ícone do blues dos anos 1920, uma das favoritas ao prêmio de Melhor Atriz; e *Uma noite em Miami*, que narra a história de um fictício encontro entre Muhammad Ali, Malcolm X, Sam Cook e Jim Brown – todos com excelentes interpretações de ícones da cultura afro-americana, a abordar a experiência de ser um ídolo negro, seja na música, no esporte ou na política, num país dividido pela segregação racial. Leslie Odon Jr. foi indicado a Melhor Ator Coadjuvante por sua interpretação do cantor Sam Cook. Na categoria Melhor Atriz Coadjuvante, Glenn Close interpreta uma matriarca interiorana de uma conturbada família do meio oeste dos Estados Unidos em *Era Uma Vez um Sonho*. Isto para falar em atuações de destaque em filmes não considerados para o prêmio principal.

Sugestões

Finalmente, nos parece que sim, há produções belas, sensíveis e potentes, que merecem nossa apreciação enquanto obras de arte. Ou seja, nos fazem pensar, nos sacodem e nos fazem vestir a roupa do outro. Para quem não quer ou não pode assistir tudo, elencamos as produções mais relevantes do ano – listagem pautada em critérios escancaradamente subjetivos - que ficam aqui como as nossas sugestões:

Minari

Judas e o Messias Negro

O Som do Silêncio

Meu Pai